

Representação pictórica da língua de sinais: trajetória histórica

The sign language pictorial representation: historical trajectory

Cássia Geciauskas Sofiato

Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (2011). Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Graduada em Pedagogia: formação de professores para a área de Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1995). Atualmente é docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), no Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação (EDF). Atua na área de Educação Especial e com o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras). Possui proficiência em Libras e atua como intérprete.

E-mail: cassiasofiato@gmail.com

Artigo recebido em 02 de maio de 2013 e selecionado em 6 de junho de 2013

RESUMO

A necessidade de registro das línguas de sinais sempre esteve presente na educação de surdos. Esse estudo de caráter bibliográfico destaca as primeiras tentativas de representação gráfica do alfabeto manual e de línguas de sinais em diferentes períodos históricos até o ano de 1960, ano em que as pesquisas linguísticas surgem em relação a tal língua. O objetivo deste estudo é o de fornecer informações que levem a compreender como ocorreram os primeiros registros, quem foram os seus autores e quais eram os discursos sobre os sinais desenhados à época de cada produção. Observa-se que ao longo da história muitas tentativas de representação surgiram e algumas constituíram-se como alicerces para os tipos de produção gráfica que temos na contemporaneidade. E neste sentido, as pesquisas de William Stokoe, linguista americano, tiveram um papel decisivo: o de comprovar cientificamente que as línguas de sinais se constituem verdadeiramente como línguas.

Palavras-chave: Língua de sinais. Surdez. Representação gráfica.

ABSTRACT

The need for registering sign languages has always been present in deaf people's education. This bibliographic study highlights the first attempts of manual alphabet and sign languages graphical representation in different historical periods until 1960, the year when linguistic researches related to such topic start. This study aims to provide information that leads to

understand how the first registers were, who their authors were and what the speeches about the signs were, drawn by the time of each production. It has been observed that, throughout history, many representation attempts were made, and some of those built the basis of the graphical production type we have today. In this sense, the American linguistic William Stokoe researches had a decisive role: scientific proof that sign languages are really constituted as languages.

Keywords: Sign language. Deafness. Graphical representation.

INTRODUÇÃO

Este estudo traz um levantamento histórico, utilizando fontes bibliográficas que se relacionam ao processo de evolução dos registros pictóricos do alfabeto manual e da língua de sinais de diferentes partes do mundo. Tal estudo busca as evidências deste tipo de representação a partir da pré-história e destaca as iniciativas precursoras até a idade contemporânea, mais especificamente até o ano de 1960.

De acordo com Reily (2004), o alfabeto manual é um código, para cada letra do alfabeto há um sinal correspondente e a língua de sinais é uma língua de modalidade espaço-visual, utilizada pelas comunidades surdas no mundo todo. Em 1960, a partir dos estudos do linguista americano William Stokoe, a língua de sinais adquiriu o status de língua, pois o autor conseguiu demonstrar que tal língua apresentava os mesmos níveis linguísticos encontrados nas línguas orais.

Tais níveis linguísticos são compostos pela fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

O objetivo deste estudo é fornecer ao leitor informações que tragam elementos que o levem a compreender como os primeiros registros gráficos de línguas de sinais ocorreram; quem foram os precursores dessa prática e quais recursos eram empregados para tal finalidade.

Esse levantamento justifica-se pela necessidade de evidenciar como se deu o processo de registro dos sinais e de que forma influenciaram a elaboração dos dicionários impressos de língua de sinais. Uma das dificuldades encontradas para a realização deste estudo foi a escassez de fontes que abordam o assunto de forma sistematizada, evidenciando, dessa forma, a necessidade de mais pesquisas sobre essa questão.

Ao fazermos a exploração dessa temática, iremos nos referir também a alguns marcos significativos que fazem parte da história da educação dos surdos¹ em nível mundial. Essa relação se faz necessária, uma vez que a língua de sinais está inserida diretamente no contexto educacional da surdez.

A preocupação com a representação pictórica da língua de sinais esteve presente desde os tempos mais remotos. Para que chegássemos a contar com os diversos tipos de materiais de que dispomos na atualidade, tais como dicionários, obras literárias, manuais, DVDs, CD-ROM, entre outros, houve um grande percurso marcado por inúmeras tentativas de registros, que refletem, de acordo com a época em que foram elaborados, um pouco das concepções acerca dos desafios da arte de representar uma língua composta por sinais manuais.

O fluxo dos acontecimentos históricos é contínuo, sem interrupções. Considerando que a divisão da história em períodos tem função didática, isto é, facilita a organização do estudo e das análises a partir de uma sequência de acontecimentos, nós nos apropriaremos desse recurso clássico para a exploração das diferentes tentativas de representar a língua de sinais em diferentes partes do mundo. Por meio da periodização da história, poderemos demonstrar as diferentes visões do nosso objeto de estudo, além de valorizar alguns fatos em detrimento de outros.

Quanto à divisão geral da história, tomaremos como referência a invenção da escrita por volta de 4000 a.C., considerada convencionalmente como marco divisório entre a Pré-história e a História (VICENTINO, 1997).

¹ Faremos uso dos termos “surdo” e “surdez” ao longo deste trabalho, com base em trabalhos antropológicos e psicolinguísticos, os quais reconhecem os surdos como pertencentes a uma comunidade linguística e cultural.

EM BUSCA DOS REGISTROS DO ALFABETO MANUAL E DA LÍNGUA DE SINAIS

Baseados nos estudos de Silva (1986), vemos que nada de concreto existe em se tratando de vidas de pessoas com deficiência nos primeiros nebulosos e enigmáticos milênios da vida do homem sobre a Terra. Em toda a fase da Pré-História da humanidade, situações comprovadas de vida são impossíveis de serem estabelecidas, apesar de toda a contribuição da ciência arqueológica.

Há milhares de anos, o homem vivia desprotegido, num ambiente hostil, morava em abrigos naturais, construídos com pedras, ou em cavernas. As melhores e mais protegidas cavernas foram utilizadas por muitas gerações de um mesmo grupo.

Os estudos arqueológicos, realizados com o objetivo de saber como viviam os homens primitivos, revelam que os ocupantes das cavernas viviam próximos a sua entrada. Dentro das cavidades naturais, protegiam-se do vento, da chuva, do calor, do frio, das incertezas da noite, das tempestades, dos animais ferozes e de inimigos que queriam possivelmente tomar os seus lugares.

Em especial, os homens Cro-Magnon, surgidos ao final da Idade do Gelo, há mais de 30.000 anos, começaram a povoar algumas áreas da Europa. Aprenderam a construir abrigos de acordo com as suas necessidades, e foram os pioneiros na documentação do mundo que os cercava. Sabemos da existência de bisões, mamutes, ursos, javalis e cervos por meio de desenhos, entalhes e até mesmo pinturas com cores vivas encontrados em pedras, pedaços de ossos, paredes e tetos de cavernas.

Essas formas de registro (Figura 1) existem principalmente em cavernas ao sul da França e ao norte da



Figura 1. Mão esquerda (OLIVEIRA, 1992)

Espanha. Além das referidas manifestações pictóricas, Silva (1986, p. 31) aponta que “junto aos desenhos desses bisões e demais animais da época, existem contornos de mãos, muitas mãos, inclusive diversas com dedos visivelmente em falta”.

A partir do excerto acima, podemos perceber que, naquela época, possivelmente, havia a presença de pessoas com deficiência, e que também possivelmente havia a intenção de se registrar a comunicação gestual utilizada pelo homem primitivo.

Oliveira, em seu livro *Arte: Fala gestual*, demonstra a importância das mãos para o homem primitivo e o significado dessa representação, de acordo com trecho a seguir.

O homem primitivo, como grande parte dos estudos desenvolvidos o atestam, não se representava em suas pinturas, mas, suas mãos, metonimicamente, o colocavam nelas. A presa ou animal, a ser conquistado ou aquele em estudo, é uma aquisição possível pela mediação das mãos, instrumento corporal de realização do processo de idealização cerebral (OLIVEIRA, 1992, p. 20).

Um fato que foi relevante e responsável pelo rápido e seguro progresso do homem primitivo foi o estabelecimento de alguns códigos de comunicação e armazenamento de informações. Com a invenção da escrita, o homem conseguiu documentar a sua evolução e transmitir de forma mais fiel os segredos que ia desvendando no mundo ao seu redor.

Na Idade Antiga, que se iniciou aproximadamente em 4000 a.C., com o surgimento da escrita, e se estendeu até a queda de Roma em 476, a sociedade considerava os surdos incapazes e pertencentes à classe dos idiotas e dos dementes. Aristóteles, filósofo grego, acreditava que, como o surdo-mudo não podia articular as palavras, ele também não compreendia os outros. Não podia ser educado e era incapaz de receber qualquer instrução. O filósofo não percebia claramente que a mudez é uma consequência da surdez, e que a palavra é uma habilidade adquirida, cujo modelo é apreendido pela audição (PERELLÓ; TORTOSA, 1978).

Em relação à língua de sinais, um registro antigo que demonstra a sua existência data de 368 a.C., e foi escrito pelo filósofo grego Sócrates, quando perguntou ao seu discípulo:

Suponha que nós, os seres humanos, quando não falávamos e queríamos indicar objetos, uns para os outros, nós o fazíamos, como fazem os surdos mudos, sinais com as mãos, cabeça e demais membros do corpo? (FELIPE, 2001, p. 120).

Apesar da citação sobre uma língua de sinais, não temos evidências de alguma preocupação em representá-la graficamente naquele tempo. Qualquer iniciativa nesse sentido no referido período seria difícil, devido à influência do pensamento de Aristóteles, o qual “[...] era de opinião que todos os conteúdos da consciência deviam ser recolhidos primeiro por um órgão sensorial e considerava o ouvido como o órgão mais importante para a educação” (SOARES, 1999, p. 13).

A ideia de que a surdez e a mudez eram consequências de uma anormalidade orgânica e que, em função disso, o surdo não poderia ser educado, persistiu até a Idade Média.

Na Idade Média, que teve início em 476 e prolongou-se até 1453, o panorama acerca da surdez e as concepções sobre a pessoa surda modificaram-se devido à forte influência do Cristianismo. Existia então, como percebemos em algumas iniciativas isoladas, o respeito pela comunicação em sinais de algumas pessoas que não adquiriam a fala. Para ilustrar essa passagem, podemos citar a iniciativa do Papa Inocêncio III, em 1198, quando ele autorizou o matrimônio de um mudo, dizendo: “*cum quod verbis non potes signis valet declarare*”, ou seja, “aquele que não pode falar, em sinais pode se manifestar” (PERELLÓ; TORTOSA, 1978).

Baseados em estudos realizados por Reily e Reily (2003), percebemos que a história dos primórdios da língua de sinais está relacionada à história da igreja cristã.

De acordo com Reily (2003 *apud* Eriksson, 1993), o primeiro registro monástico é de autoria do Venerável Bede (672-753). O volume de sua autoria, *De computo vel loquela digitorum*, possui a mais antiga figura de numerais romanos representados nos dedos.

No período histórico em questão, destacamos o papel dos mosteiros em busca dos primeiros indícios de representação de uma *linguagem de sinais*. Os mosteiros eram locais próprios para a prática da oração e da reflexão, além de fornecerem os subsídios necessários para a sobrevivência dos religiosos que faziam essa opção de vida. Alguns mosteiros instituíram o voto do silêncio, como prática a ser respeitada e seguida pelos monges que faziam parte da comunidade.

De acordo com o texto da *Regra de São Bento*, o voto do silêncio deveria ser praticado durante as atividades práticas desenvolvidas nos mosteiros. E, devido ao fato de os mosteiros serem locais destinados também ao trabalho, surgiu uma comunicação silenciosa entre os monges, necessária para o desempenho das atividades de subsistência de todos, dando origem a uma linguagem de sinais manuais.

Podemos encontrar registros instrucionais dessa forma de comunicação utilizada nos mosteiros em *Mo-*

monasteriales Indicia. Trata-se de um documento antigo que apresenta 127 sinais, que foram descritos verbalmente, entretanto não fica claro se os respectivos sinais eram acompanhados de ilustrações.

Na composição da *Monasteriales Indicia*, quase dez por cento dos sinais estão relacionados a algum tipo de texto, como, por exemplo, os evangelhos, a Bíblia, os saltérios, os hinários, e outros que eram empregados para acompanhar a liturgia.

Como nos apontam Reily e Reily (2003), os termos que compõem a *Monasteriales Indicia* apresentam-se numa sequência, ficando assim estabelecida em termos de léxico:

Ofícios religiosos
Pessoas leigas
Missa e objetos de uso religioso
Literatura religiosa
Alimentos e bebidas
Dormitório
Vestimenta
Higiene
Instrumentos

Quadro 1. Termos da *Monasteriales Indicia*.
Fonte: REILY; REILY (2003)

Para cada categoria estabelecida, temos exemplos de como são produzidos os gestos pretendidos:

Categoria – Pessoas leigas: (126) – O sinal para leigo é que pega-se no queixo com toda a mão, como se estivesse pegando na barba. Categoria – Refeitório: (49) – Se quiser indicar qualquer coisa pelo sinal de refeitório, então coloque os três dedos como se estivesse colocando alimento na boca. Categoria – Dormitório: (89) – Quando quiser um cobertor, então movimente sua roupa e coloque a mão na bochecha. Categoria – Higiene: (97) – Se precisar de água, então faça como se fosse lavar as mãos (REILY; REILY, 2003, p. 8).

Os autores mencionados ao se referirem a *Monasteriales Indicia*, destacam que a presença de 127 verbetes não significa que os mesmos eram os únicos sinais usados nos mosteiros. O levantamento histórico realizado pela editora da *Monasteriales Indicia* evidencia que existem mais quatro listas de sinais posterior-

res ao período medieval, e que a *Monasteriales Indicia* é a listagem de sinais mais antiga em inglês arcaico, traduzida do latim.

Além da *Monasteriales Indicia*, temos como referência outras listas: listas produzidas em 1075 e 1083 no mosteiro de Cluny, e a *Constitutiones* de William de Hirsau, produzida no sudoeste da Alemanha, no início do século XI. Embora a *Monasteriales Indicia* seja um documento que trouxe uma série de sinais reunidos, não podemos afirmar que se tratava de uma tentativa científica com o intuito de registrar os sinais para a posteridade. O objetivo principal da obra era servir de apoio ao ensino de sinais manuais para a obra de evangelização e trabalhos intermosteiros de transmissão de informações.

Apesar de todo esse levantamento e também dessas contribuições, podemos dizer que pouco foi registrado sobre os sistemas de comunicação utilizados por surdos até a Renascença (FELIPE, 2001).

Na Idade Moderna, principiada em 1453 e encerrada no ano de 1789, com a revolução francesa, observamos um número maior de iniciativas que tangem à educação dos surdos e às formas de comunicação entre surdos e ouvintes. No século XVI, despontam as primeiras iniciativas referentes à educação dos surdos, considerados, até então, como seres incapazes de serem educados.

A partir daí, surgem os primeiros educadores, muitos ainda ligados às instituições religiosas, que se lançaram ao desafio de ensinar os surdos pertencentes à nobreza. Destacaremos, nessa trajetória, alguns educadores e seus métodos de ensino, que passaram a ver no uso dos sinais uma possibilidade de diferenciação da atuação e, ao mesmo tempo, buscaram formas de apresentar tal estratégia de ensino.

Reily (2007) destaca a figura do frei franciscano espanhol Melchior de Yebra (1526-1586), pelo fato de divulgar os sinais entre os religiosos. O referido frei produziu uma pequena obra intitulada *Refugium Informorum* (Consolo para os Enfermos), publicada em 1593. A obra possui seis páginas com ilustrações de configurações manuais. O uso das escritas manuais era comum nos mosteiros dos países do sul da Europa e praticada com pacientes moribundos.

Em 1620, o espanhol Juan Pablo Bonet (1579-1633) publicou o livro *Reducción de las letras y arte para enseñar hablar a los mudos*, considerado a primeira obra sobre a metodologia de ensinar uma língua aos surdos e que continha o alfabeto manual.

Importa salientar também que, de acordo com Réé (1999), Bonet tornou a linguagem visível por intermédio do alfabeto manual (*finger alphabet*), baseado no

método de comunicação adotado por várias comunidades religiosas da época. A arte consistia em valer-se de diferentes configurações da mão para representar qualquer letra do alfabeto. Bonet acreditava que o treinamento do surdo deveria ser iniciado pelo uso do alfabeto unimanual (Figura 2):

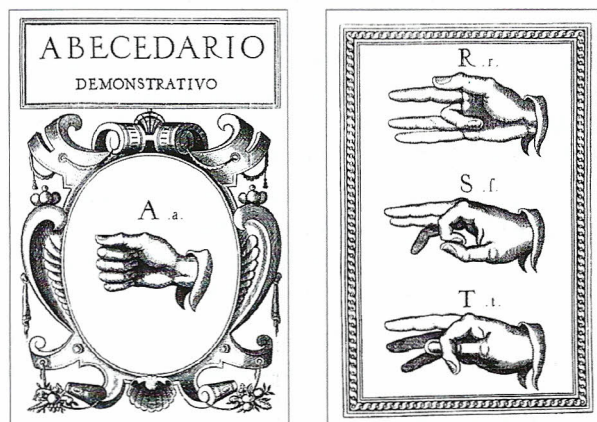


Figura 2. Finger Alphabet, (RÉE,1999)

A partir do trabalho introduzido por Bonet em relação ao registro de sinais, surgem outros instrutores de surdos, que também tentam, com suas criações, aprimorar cada vez mais a questão da representação dos sinais.

Podemos citar, de 1659, a iniciativa de William Holder, pároco de Bletchington, próximo a Oxford. Insatisfeito com a maneira usada para ensinar a ler e a escrever a um surdo que ele acompanhava, além de servir-se da versão de um alfabeto manual, Holder reconheceu a possibilidade de acrescentar outros sinais para a comunicação. Além disso, também deixou como legado engenhosos gráficos que mostram como os diferentes sons da linguagem são definidos.

Em 1679, foi publicado o *Thesaurus Artificiosae Memorioriae*, cujo autor foi o monge Cosmas Rosselius. Esta publicação continha cinco pranchas ilustradas e, além disso, mostrava três variações de alfabetos unimanuais (SOFIATO; REILY, 2013).

Um ano depois, em 1680, o professor escocês George Dalgarno sugeriu, para o ensino de crianças surdas, o uso de uma luva com as vogais escritas nas pontas dos dedos e todas as demais consoantes dispostas nas falanges ou na palma da mão (Figura 3). Tratava-se de um alfabeto manual bimanual (*two-handed - hand language*), pois o indicador de mão dominante apontaria as letras na luva, na mão não dominante. De acordo com Rée (1999), o alfabeto proposto por Dalgarno pode ser considerado menos aprimorado do que o alfabeto uni-

manual de Bonet. Ele chamou o seu invento de datilologia, porém, como não era “prático”, não foi posto em uso.

Historicamente revolucionário, outro grande precursor no uso de sinais e que também criou um protótipo na área da surdez foi o abade Charles-Michel de L'Epée (1712-1789). O religioso teve seu primeiro contato com surdos quando assumiu a educação de gêmeas surdas que estavam sendo trabalhadas por um colega que veio a falecer. Desenvolveu um método associativo em que os sinais com imagens e palavras escritas estavam presentes. Criou os denominados “sinais metódicos”, que eram uma combinação dos sinais utilizados pelos surdos de Paris com os da gramática sinalizada francesa.

L'Epée fundou uma escola para surdos em 1755, que posteriormente tornou-se o Instituto Nacional de Surdos-Mudos. A partir de 1791, o instituto foi dirigido pelo abade Roche-Ambroise Sicard, a despeito da conturbada situação política vivida na França na virada do século XIX.

Em 1776, L'Epée publica um livro clássico, que revolucionou a época, pois divulga informações que outros profissionais mantiveram em segredo, o *Institution des sourds-muets par la voie des signes méthodiques*. Chega a iniciar o *Dictionnaire général des signes*, que foi concluído pelo abade Sicard.

Na Idade Contemporânea, que em 1789 teve seu começo, e que se estende até a atualidade, com relação especificamente à educação na área da surdez, podemos dizer que surgiu a controvérsia entre os educadores oralistas e os gestualistas (SANTORO, 1994). Pela necessidade de divulgar os seus pontos de vistas, e devido às polêmicas, apareceram tentativas mais objetivas de representação, fundamentadas em avanços científicos e tecnológicos.



Figura 3. Luva datilológica, (RÉE,1999)

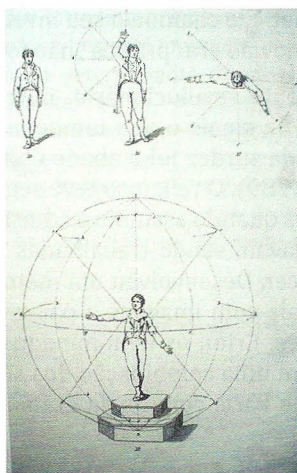


Figura 4. Notação do método quironômico (RÉE, 1999).

Rée (1999) afirma que, em 1800, Joseph Marie Gérando tentou resolver o problema da representação da língua de sinais por meio da elaboração de um tratado. Observava que a comunicação básica gestual assemelhava-se a uma pintura, e que cada sinal funcionaria como uma figura. Explicava que na linguagem gestual vários sinais são apresentados para a nossa visão simultaneamente, e que isso implicava que nós nunca poderíamos parar nem pausar nenhum deles em particular. E ainda completava, dizendo que a instantaneidade dos sinais gestuais significava que nunca existiria um sistema de escrita para eles.

Gérando, com sua larga experiência no Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris, apontou, naquela época, que os surdos estavam prestes a se unirem e a se constituírem como uma sociedade; sendo assim eles teriam que pensar num tipo de alfabeto que lhes permitisse escrever diretamente a sua linguagem gestual.

Dando sequência, em 1806, na Inglaterra, Gilbert Austin prometeu uma linguagem de símbolos tão simples e tão perfeita que pudesse representar cada ação de um orador durante a sua fala, ou a atuação de um ator durante o drama inteiro, o que permitiria o registro para a posteridade.

O trabalho realizado por Austin, denominado método quironômico, remete-nos à imaginação de um globo de espaço gestual em volta do falante, com letras referentes aos vários pontos de latitude e longitude em sua superfície (Figura 4).

O conteúdo de uma fala poderia ser notado por meio dessas letras, escritas acima da linha para as mãos e braços, ou abaixo dela para pés e pernas, a fim de oferecer uma especificação completa de todos os seus acompanhamentos gestuais. Porém, por mais sofisticados que fossem os sistemas de notações de movimentos de corpo, eram ineficientes para o registro de sinais gestuais.

Para Rée (1999), o primeiro investigador a fazer uma tentativa bem sucedida de solucionar o problema do registro dos sinais foi Roche Ambroise Bébien. De acordo com Bébien, a essência dos sinais era a liberdade dos mesmos. Tecia críticas a L'Epée e ao seu sucessor Sicard, porque ambos tinham interferido na simplicidade apresentada na língua de sinais ao submetê-la a princípios gramaticais estranhos e artificiais desenhados para o latim e o francês. Acreditava que a única maneira de salvar os sinais da "degeneração" seria inventar uma técnica para escrevê-los, enfim, registrá-los. Assim, poderiam ser preservados no papel e estariam salvos da influência corrupta de professores desavisados.

Uma das diferenças entre Bébien e seus antecessores é que ele não era atraído pela idéia de que os sinais gestuais poderiam ser análogos a sistemas de escrita pictórica, tais como o egípcio e o chinês.

Em 1817, Bébien declarou que o propósito de um manuscrito para sinais não era descrever gestos em detalhe natural, mas classificá-los e fixá-los para fins de comparação. A chave para a escrita de sinais era decompô-los em combinações de gestos elementares. O seu sistema de escrita, conhecido como mimografia, dependia da identificação da menor coleção de gestos básicos, demarcando um caractere separado para cada um deles, e então escrevendo os caracteres na mesma ordem dos gestos.

Bébien acreditava que um número pequeno de caracteres mimográficos deveria ser suficiente para decifrar todos os sinais possíveis. A partir da mimografia, seria possível uma forma de registro que garantiria o conteúdo de uma série de relatos orais e até mesmo de textos escritos. Além disso, proporcionaria ao surdo a oportunidade de empregar a sua própria língua, registrando-a com a mesma facilidade que ele tinha ao utilizar os sinais gestuais.

Os caracteres de Bébien, como nos informa Rée (1999), eram divididos em duas classes:

Em primeiro lugar, cada formato de mão teria um caractere próprio, consistindo em um desenho estilizado. Secundariamente, haveria caracteres indicando como a mão deveria se mexer: estes tomariam a forma de diferentes segmentos de um círculo com setas indicando a direção do movimento (assemblingando-se a um C e um C invertido, ou um U e um U invertido), junto com seis símbolos indicando se o movimento era lento ou rápido, longo ou curto, sucessivo ou repetitivo (RÉE, 1999, p. 298).

Apesar de todo o empenho de Bébien, quanto mais ele desenvolvia a sua mimografia, mais a mesma se desviava de seu modelo alfabético.

Os arcos com setas e símbolos que Bébien usou para registrar movimentos de mãos eram descritivos e

imitativos, mais parecidos com notações de dança do que com escrita alfabética. Era necessária uma grande combinação de mimografias para representar um único gesto momentâneo.

Bébian ainda se sentiu obrigado a estender o alfabeto mimográfico para outras posições da atividade gestual, além das mãos e dos braços. Resolveu registrar também as expressões faciais, dividindo o rosto em oito regiões, e assinalando uma curva de formato diferente para cada uma. Os caracteres faciais deveriam ser escritos acima ou abaixo da linha que representava a sequência de gestos manuais para indicar movimentos para cima e para baixo respectivamente, e também estariam associados a cada um dos dois ou três pontos para indicar a intensidade da emoção que eles carregavam. As mimografias faciais forneciam notação a quarenta e oito expressões faciais diferentes. Apesar de toda essa evolução, o número dos caracteres propostos por Bébian era seis vezes maior do que o do alfabeto romano. Em 1825, Bébian publicou uma segunda versão de seu sistema, e, praticamente a partir daí, a sua invenção começou a se deteriorar.

Em 1850, Y. L. Rémi Valade, um professor oralista, do Instituto de Paris, apoiou Bébian em sua crítica a L'Epée e Sicard por tentarem transformar a língua de sinais em uma tradução exata da linguagem oral. Apesar de suas convicções oralistas, Valade resolveu assumir o projeto, que consistia na realização de um dicionário descritivo da linguagem manual, o qual Bébian havia abandonado há vinte anos. Valade considerava a escrita mimográfica absurda e as notações de Bébian muito confusas, a ponto de nunca serem utilizadas.

O trabalho de Valade consistia num dicionário de sinais manuais, que trazia uma lista de palavras-chaves em francês, cada uma seguida de uma descrição verbal dos sinais gestuais naturais correspondentes. Eram adicionados, onde necessário, *symographs*, ou desenhos de traços estilizados, nos quais momentos sucessivos na execução de um sinal eram sobrepostos numa única imagem.

Essa nova tentativa de representação também não se mostrou eficaz. O próprio criador reconheceu que aqueles discursos de sinais nunca poderiam ser reconstruídos a partir daquelas transcrições, como os discursos falados podem ser reconstruídos por meio dos registros escritos. O problema maior não estava relacionado à nomenclatura (sinais individuais) e sim à sintaxe (técnica para ligá-los, para formar afirmações, questões ou comandos). O dicionário de Valade nunca foi terminado.

Não podemos deixar de salientar que o século XIX, mais especificamente, foi palco de fortes controvérsias entre as duas filosofias de educação de surdos: a gestualista, iniciada por L'Epée, e a oralista, defendida por Samuel Heinicke. Tal fato influenciaria no sentido de inibir as tentativas de representação da língua de sinais.

Historicamente falando, as tentativas de representar e de valorizar a língua de sinais, bem como aquelas relacionadas ao estudo dessa "língua sinalizada" foram aniquiladas pelo II Congresso Internacional de Educação de Surdos-Mudos, realizado em Milão no ano de 1880. O Congresso de Milão declarou que o método oral puro deveria ser o preferido para a educação e instrução de surdos. Segundo Soares (1999), o método oral aparece com essa designação para diferenciar do método que procura combinar fala e gesto, pois o método oral puro não faz uso de gestos. Depois dessa decisão em nível mundial, a abordagem oralista imperou do fim do século XIX até 1960, na Europa e na América.

A partir de 1960, muitas pesquisas educacionais surgiram e mostraram a falência do oralismo. Também houve, principalmente nos Estados Unidos, um investimento em pesquisas sobre a língua americana de sinais.

Com William Stokoe, a partir dos estudos realizados acerca de sua constituição, a língua de sinais passou a ter o status de língua. O referido autor, além de desenvolver padrões teóricos e metodológicos para a língua americana de sinais, reconheceu-a como uma entidade linguística singular, tanto em seus aspectos de estruturação interna quanto em sua gramática. Com todo esse movimento que evoluiu a partir dos estudos preconizados por Stokoe, a idéia e a necessidade de representação surgiram com muito mais vigor.

Stokoe foi pioneiro no sentido de procurar uma estrutura, de analisar os sinais, dissecá-los, pesquisar as suas partes constituintes. Sacks (1990, p. 94) explicita como isso ocorreu:

Stokoe propôs que cada sinal tinha pelo menos três partes independentes: locação, formato da mão e movimento (análogas aos fonemas da fala) e que cada parte possuía um número limitado de combinações. Em seu livro, *Sign Language Structure*, ele delineou dezenove formas de mãos diferentes, doze locações, vinte e quatro tipos de movimentos e inventou uma notação para isso-a Linguagem Americana de Sinais nunca fora escrita antes. Seu dicionário foi igualmente original, pois os sinais não foram arrumados de forma temática, ou seja, sinais para alimentos, sinais para animais, etc; mas sim sistematicamente, de acordo com suas partes e a organização e princípios da linguagem. Mostrava a estrutura léxica da linguagem, a correlação linguística de três mil "palavras" sinalizadas básicas.

Podemos perceber que a notação de Stokoe era uma notação (como a fonética) para propósitos de pesquisa, não para o uso comum. Para Stokoe, nunca houve, no sentido usual, uma forma escrita de sinal. E acrescenta que "os surdos podem muito bem achar que qualquer esforço de transcrever em duas dimensões uma língua cuja sintaxe usa três dimensões do es-

paço, além do tempo, excederia em muito o resultado, se é que seria possível” (SACKS, 1990, p. 95).

Apesar de os livros de Stokoe terem sido criticados na época de sua publicação, tendo sido considerados tolos e imprestáveis, não se pode negar que em poucos anos ocorreu uma revolução em duplo sentido: uma revolução cultural e política, e, além disso, científica, que dispensou atenção à língua de sinais e a seus substratos cognitivos e neurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da incursão realizada em diferentes períodos históricos e perante as muitas tentativas de representação gráfica de alfabetos manuais e línguas de sinais, pode-se concluir que isso não se trata de tarefa simples. Sabemos que a criação de um material dessa natureza é uma tarefa bastante desafiadora e que envolve muitos cuidados relativos ao tratamento da informação que se deseja transmitir, que nesse caso é visual.

Em diferentes momentos históricos percebe-se que houve a necessidade e consequentemente tentativas de registro de línguas de sinais em diferentes contextos, motivados por questões dialógicas e até mesmo educacionais.

Em que pese o elevado número de tentativas, pode-se dizer que poucas se mostraram eficazes. Entretanto, se não fossem essas tentativas não teríamos a variedade de materiais publicados que versam sobre as línguas de sinais em diferentes países, sem a pretensão aqui de entrar no mérito quanto à forma que se apresentam.

Após os estudos iniciados por Stokoe em 1960, devido à grande repercussão em nível científico acerca de seus estudos, surgiram outros trabalhos, que lançaram um novo olhar em direção às línguas de sinais utilizadas por surdos no mundo inteiro. Consequentemente, a produção de materiais sobre língua de sinais passou a crescer em função das novas demandas que envolviam tal língua.

Apesar de todo o aparato tecnológico presente na sociedade hodierna e da evolução em termos de representação gráfica dos referidos materiais, podemos dizer que o único tipo de ilustração que ainda continua sendo efetivo é o desenho das mãos nos seus vários estilos, legado deixado por Bonet e aperfeiçoado por outros interessados nesse tipo de signo. Tal afirmação se deve ao fato de que o desenho naturalista, se bem realizado, traz os aspectos intrínsecos à constituição das línguas de sinais, indispensáveis à sua leitura e/ou tentativa de produção dos sinais manuais por parte dos interessados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANHAM, Debby (Org.). *Monasteriales Indicia*. The Anglo-Saxon monastic sign language. Pinner, Reino Unido: Anglo-Saxon Books, 1991.
- ERIKSSON, Per. *The history of deaf people*. A source book. Trad. James Schmale. Örebro, Suécia: Daufur Deaf History, 1993.
- FELIPE, Tanya A. *Libras em contexto*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de. *Arte: fala gestual*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- PERELLÓ, J., TORTOSA, F. *Sordomudez*. Barcelona: Editorial Científico-Médica, 1978.
- RÉE, Jonathan. *I see a voice: deafness, language and the senses – a philosophical history*. New York: Henry Holt and Company, 1999.
- REILY, Lucia e REILY, Duncan Alexander. A constituição da língua de sinais e do alfabeto manual na igreja monástica. Anais do 26º Reunião Anual da ANPEd. (CD), Caxambu, MG: 2003.
- REILY, Lucia. O papel da igreja nos primórdios da educação dos surdos. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPEd, v. 12, n. 35, maio/ago.2007.
- _____. *Escola inclusiva: linguagem e mediação*. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- SANTORO, Berenice M. R. Contando histórias, programando o ensino: contribuições para a pré-escola com alunos surdos. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 1994.
- SILVA, Otto. M. *A epopeia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. São Paulo: CEDAS, 1986.
- SOARES, Maria Aparecida L. *A educação do surdo no Brasil*. Campinas: Autores Associados e EDUSF, 1999.
- SOFIATO, Cássia G.; REILY, Lucia H. Dicionários e manuais de língua de sinais: análise crítica das imagens In: LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos. *Tenho um aluno surdo, e agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFScar, 2013.
- VICENTINO, Cláudio. *História geral*. São Paulo: Scipione, 1997.